



VOLUME 13

**DESEN  
REDOS**

Dossiê

**O VESTUÁRIO COMO ASSUNTO:  
perspectivas de pesquisa  
a partir de artefatos e imagens**

*Rita Morais de Andrade*

*Alliny Maia Cabral*

*Indyanelle Marçal Garcia Di Calaça*

*(organizadoras)*



VOLUME 13

Dossiê

**O vestuário como assunto:  
perspectivas de pesquisa a partir  
de artefatos e imagens**

*Rita Morais de Andrade*

*Alliny Maia Cabral*

*Indyanelle Marçal Garcia Di Calaça*

*(organizadoras)*

Goiânia

**Cegraf UFG**

2021

**Universidade Federal de Goiás**

**Reitor:** Edward Madureira Brasil

**Vice-reitora:** Sandramara Matias Chaves

**Pró-reitor de Pós-graduação:** Laerte Guimarães Ferreira Júnior

**Pró-reitor de Pesquisa e Inovação:** Jesiel Freitas Carvalho

**Pró-reitora de Extensão e Cultura:** Lucilene Maria de Sousa

**Faculdade de Artes Visuais**

**Direção:** Bráulio Vinícius Ferreira

**Vice-direção:** Eliane Maria Chaud

**Programa de Pós-graduação em Arte e Cultura Visual**

**Coordenação:** Leda Maria de Barros Guimaraes

**Subcoordenação:** Samuel José Gilbert de Jesus

**Núcleo Editorial da FAV**

**Coordenação:** Cátia Ana Balduino da Silva

**Coleção Desenrêdos**

**Editora:** Leda Maria de Barros Guimaraes

**Conselho Editorial :** Afonso Medeiros - UFPA, Brasil; Rejane Coutinho - UNESP, Brasil; Lúcia Gouveia Pimentel - UFMG, Brasil; Maria das Vitoria Negreiros do Amaral - UFPE, Brasil; Apolline TORRE-GROSA of University of Geneva, Suíça; Gazy Andraus - UFG, Brasil; Raimundo Martins - UFG, Brasil; Rosana Horio Monteiro - UFG, Brasil; Jens Andermann - Universidade de Zurich, Suíça; Margarida Medeiros - Universidade Nova de Lisboa, Portugal; Gonzalo Leiva - Pontificia Universidad Católica de Chile, Chile; Consuelo Lins - UFRJ, Brasil; Alexandre Santos - UFRGS, Brasil; Daniela Kutschat Hanns - USP, Brasil; Etienne Samain - Unicamp, Brasil; Michel Poivert - Université Paris 1, Panthéon, Sorbonne, França; Judit Vidiella - Universidad de Gerona, Espanha.

**Projeto gráfico e diagramação:** Cátia Ana Balduino da Silva

**Revisão técnica:** Janaynne Carvalho do Amaral

**Créditos da capa:** Aline Monteiro Damgaard. *Sem título*, 2020

**Faculdade de Artes Visuais – UFG**

**Secretaria de Pós-Graduação**

Campus II, Setor Samambaia

Caixa Postal 131. 74001-970, Goiânia-GO-Brasil

Tel.: (62) 3521-1440 | arteeculturavisual.fav@ufg.br

Modo de acesso: [culturavisual.fav.ufg.br](http://culturavisual.fav.ufg.br)

Os textos e imagens publicados neste volume são de responsabilidade dos respectivos autores e autoras.

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

**GPT/BC/UFG**

D724 Dossiê : o vestuário como assunto : perspectivas de pesquisa a partir de artefatos e imagens [Ebook] / Organizadoras, Rita Morais de Andrade, Alliny Maia Cabral, Indyanelle Marçal Garcia Di Calaça. – Goiânia : Cegraf UFG, 2021. 316 p. : il. – (Coleção Desenredos ; 13)

Material desenvolvido pelo Programa de Pós-graduação em Arte e Cultura Visual, Faculdade de Artes Visuais, Universidade Federal de Goiás.

ISBN: 978-65-89504-16-0

1. Vestuário. 2. Trajes. 3. Museus. I. Andrade, Rita Morais de. II. Cabral, Alliny Maia. III. Di Calaça, Indyanelle Marçal Garcia.

Bibliotecária responsável: Amanda Cavalcante Perillo / CRB1: 2870

Direitos Reservados para esta edição: Núcleo Editorial – FAV/UFG

Este trabalho está licenciado com uma **Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional**



# SUMÁRIO

## **Apresentação**

07

*Rita Morais de Andrade  
Alliny Maia Cabral  
Indyanelle Marçal Garcia Di Calaça*

## **Abrindo os trabalhos**

16

### **O vestuário como assunto: um ensaio**

*Rita Morais de Andrade*

## **Nos museus**

33

### **O estudo da indumentária em museus no Brasil: potencialidades e desafios**

*Manuelina Maria Duarte Cândido*

54

### **Cultura material: o estudo de indumentária a partir de um artefato do Museu Goiano Professor Zoroastro Artiaga**

*Indyanelle Marçal Garcia Di Calaça*

84

**Pesquisas a partir de objetos: dois estudos de indumentária em museus de Goiás**

*Halynne Alves Goulart  
João Pedro Damaceno Aguielo*

105

**Representatividade do Candomblé em museus goianienses**

*Bárbara Freire Ribeiro Rocha*

134

**Vestires afro-brasileiros**

**Para além das aparências: reflexões sobre modos de vestir de mulheres negras no Brasil sob uma perspectiva histórica**

*Alliny Maia Cabral*

164

**Visualidade da “Crioula”: registro fotográfico e pencas de balangandãs**

*Aline Hardman*

190

**Artefatos e imagens**

**Um spencer *Belle Époque* em Minas Gerais: alcances possíveis na reconstrução filológica do objeto têxtil**

*Maristela Abadia Fernandes Novaes*

225

**Dos maiôs olímpicos S2000 aos tecnológicos:  
aspectos técnicos e sociais**

*Rosângela Soares Campos*

249

**Acervos de figurino em Goiânia:  
reflexões acerca de seus significados**

*Kárita Garcia Soares*

272

**De volta à materialidade: desafiando a moda  
descartável através da durabilidade emocional**

*Aline T. Monteiro Damgaard*

289

**Um olhar sobre ilustração de moda e visualidades**

*Ana Paola dos Reis*



**NOS MUSEUS**

# O estudo da indumentária em museus no Brasil: potencialidades e desafios

Manuelina Maria Duarte Cândido

**E**ste texto resulta de reflexões no âmbito de minha participação no Grupo de Pesquisa INDUMENTA: *dress and textiles studies in Brazil*<sup>1</sup>. Ao pensar na indumentária como patrimônio a partir da minha trajetória profissional, centro o meu olhar nos acervos dos museus brasileiros.

Interesso-me por essa temática especialmente em duas frentes, a saber: 1) o mapeamento/identificação de acervos de indumentária nos diferentes museus do Brasil, com o objetivo de incrementar a informação disponível para jovens pesquisadores sobre potencialidades e fontes ainda não estudadas; 2) no âmbito do projeto que coordeno na Universidade Federal

1. O grupo é cadastrado no Diretório de Grupos de Pesquisa no CNPq e liderado pela Profa. Rita Moraes de Andrade.



de Goiás “Presença Karajá: cultura material, tramas e trânsitos coloniais”<sup>2</sup>, trabalhar a inclusão da temática da indumentária indígena, o estudo da sua representação nas coleções de bonecas Karajá (*ritxoko*) e das matérias-primas utilizadas para a sua produção, além de possíveis alterações ocorridas em decorrência do contato de índios com não índios.

Desse modo, o presente artigo retoma os primeiros resultados de pesquisa publicados sobre as duas frentes mencionadas (DUARTE CÂNDIDO, 2014; DUARTE CÂNDIDO; ANDRADE, 2018) para atualizá-los e compartilhar com o público deste livro a metodologia das investigações, algumas dificuldades encontradas e também possíveis caminhos para que outros estudos sejam realizados. Pontua-se também que, por um lado, o campo de pesquisa em história da moda e da indumentária tem se expandido em número de publicações e de pessoas atuando; por outro, pesquisadoras e curadoras começam a aparecer cada vez mais em um espaço quase exclusivamente masculino (VIANA, 2015).

Andrade (2014, p. 01) caracteriza a indumentária como um “campo de pesquisa interdisciplinar<sup>3</sup> ainda pouco explorado pelas artes, ciências humanas e sociais aplicadas”. Ela destaca aspectos deste campo que reiteram a exis-

2. Projeto que mapeia e estuda coleções de bonecas Karajá (*ritxoko*) em diversas instituições museais do Brasil e do exterior, e que apresentado mais adiante neste texto.

3. Podendo ser associado a áreas do conhecimento como Museologia, Conservação Têxtil, História, Design e Antropologia (ANDRADE, 2016).

tência de uma abordagem tanto incipiente quanto marcada pelo olhar colonial, ao informar sua percepção de que o ensino da Indumentária, por exemplo, tende a associá-la a uma história da arte cronológica, erudita e ocidental.

Andrade (2014) tem se dedicado à construção desse campo disciplinar a partir da sistematização de dados, da realização de pesquisas e da busca constante por qualificação profissional. Assim, de 2013 a 2014, fez pós-doutorado Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) sob a orientação de uma autoridade no campo de pesquisa em patrimônio – o Prof. Dr. José Reginaldo Gonçalves –, com o projeto *Indumentária em museus brasileiros: um panorama atual das coleções*. Em seu relatório final de pós-doutorado e artigo posterior elaborados com base na mesma pesquisa (ANDRADE, 2016), é possível perceber que o cenário das informações quantitativas disponíveis não está muito diferente daquele indicado em meu artigo de 2014, que considero um levantamento muito menos sistemático.

## **Os dados disponíveis no Brasil sobre acervos de indumentária**

Uma das dificuldades para pesquisadores que pretendem adotar como metodologia de pesquisa levantamentos ou mapeamentos sistemáticos de acervos museais de indumentária no Brasil, é a fragilidade dos dados disponíveis relacionados a um universo muito amplo e diversificado, que não pode

ser capturado sem recorrer à autarquia do setor, o Instituto Brasileiro de Museus (Ibram). Este, por sua vez, desde a sua criação em 2009, não conseguiu implementar completamente as políticas públicas pretendidas e diminuir os vazios de informação sobre os museus brasileiros, pois em processo de consolidação já era alvo de desmontes sucessivos que vão desde cortes de verba e não realização dos concursos previstos nos estudos de viabilidade feitos para sua implantação, até propostas de transformação em agência, passando pela supressão do próprio Ministério da Cultura (MinC) e outros ataques como a recente investida de criminalização do mundo das artes e da cultura em geral.

O Brasil possui cerca de 3.770 museus. Desde a sua criação, o Ibram trabalha com as categorias de museus mapeados e museus cadastrados. Os museus mapeados são aqueles dos quais o Instituto só tinha informação da existência, sem maiores detalhes. Já os museus cadastrados eram aqueles que preenchiam um formulário distribuído pelo Ibram com informações autodeclaradas e não necessariamente verificadas ou validadas, para constarem no Cadastro Nacional de Museus (CNM). Esse cadastro funcionaria então como um guia *on-line* de museus brasileiros, sendo que dele também eram extraídos dados para publicações como guias de museus. O problema é que ele não conseguiu alcançar mais que algumas centenas de museus e, portanto, as informações obtidas por meio da consulta eram sempre parciais, sem relação efetiva com o conjunto das instituições museais espalhadas pelo país.

O CNM ficou fora do ar bastante tempo por volta de 2012, período a partir do qual a autarquia estudava outras alternativas de obtenção das informações museais, de forma que nem os museus conseguiam fazer novos cadastros, e nem os pesquisadores obtinham facilmente dados no site do Ibram, sendo possível uma consulta apenas por meio do envio de um e-mail ao setor responsável pelos cadastros. Até 2012 era possível produzir relatórios a partir de dados *on-line* do CNM com a lista de museus que continham determinada palavra-chave nas descrições de seus acervos, por exemplo. A discussão sobre os problemas de nomenclatura que tornam a informação sobre acervos de indumentária muito dispersa e de difícil apreensão não é novidade. Buscando por vários termos além de indumentária, tais como “moda”, “têxtil”, “roupa”, “vestuário”, “traje” e “figurino”, identifiquei somente 21 museus que mencionavam explicitamente ter essas categorias de acervo<sup>4</sup>. Mesmo aos olhos de uma não especialista como eu, ficou claro que a informação era muito parcial, pois lembrava de memória outros museus que possuíam estes acervos<sup>5</sup>.

4. Pires e Soler (2018, p. 33), ao analisarem “a dimensão intersticial dos indumentos e da indumentária enquanto categorias partilhadas por vários domínios científicos” esclarecem seu entendimento de categoria: “A palavra grega *kategoría* significa *predicado, atributo, qualidade atribuída a um objeto*. Como um predicado, as categorias geram classificações que nos situam no mundo. No entanto, ao classificarmos objetos, os problemas das categorias são sentidos vividamente”

5. Lembrando que além das informações serem autodeclaradas, é comum em museus de acervos ecléticos a prática de listar as tipologias mais presentes e terminar com “outros”, uma categoria genérica em que entram todas as tipologias de menor representação numérica.

Em 2015, o Ibram começou a desenvolver outra estratégia para reunir informações sobre os museus brasileiros<sup>6</sup>. Trata-se de uma plataforma colaborativa chamada *MuseusBr*<sup>7</sup>. Ela passa a apresentar com a qualidade de ser georreferenciada, informações do CNM, mas sem depender somente das informações preenchidas pelo próprio museu, pois cruza dados de outros sistemas de informações museais e culturais, tais como o Sistema Nacional de Informações e Indicadores Culturais (SNIIC) e o Registro dos Museus Ibero-americanos (RMI) do Programa Ibero-museus. Além disso, qualquer pessoa que identifique a ausência de um museu na plataforma pode solicitar a sua inserção. Entretanto, não há clareza acerca de como e quando a informação do nome do museu recém-incluído seria acrescida de outras, como as que nos interessam aqui, as tipologias de acervo.

Na plataforma *MuseuBr* encontrei algumas propostas de categorias, mas em nenhuma delas seria possível fazer uma busca que elencasse museus com acervos de indumentária, que estariam sempre invisibilizados em meio a outras tipologias.

6. Em paralelo à nova estratégia o Cadastro Nacional de Museus voltou ao ar, constando que a última atualização ocorreu em dezembro de 2015. Porém, não é mais possível realizar consulta por palavras-chave, somente pelo nome do museu ou por unidade da federação. Disponível em: <<https://bit.ly/35IOLcR>> . Acesso em: 17 nov. 2019.

7. Disponível em: < <https://bit.ly/31y04h5> > . Acesso em: 30 maio 2019.

**Quadro 1**Classificações para busca na plataforma *MuseuBr*

Por tipologias de museus	Antropologia e Etnografia; Arqueologia; Arquivístico; Artes Visuais; Ciência e Tecnologia; Ciências Naturais e História Natural; História; Imagem e som; Outros; Virtual <sup>8</sup> .
Por tipos de museus	Tradicional/Clássico; Virtual; Museu de Território/ Ecomuseu; Unidade de Conservação da Natureza; Jardim Zoológico, Botânico, Herbário, Oceanário ou Planetário.
Por temáticas	Artes, Arquitetura e Linguística; Antropologia e Arqueologia; Ciências Exatas, da Terra, Biológicas e da Saúde; História; Educação, Esporte e Lazer; Meios de Comunicação e Transporte; Produção de Bens e Serviços; Defesa e Segurança Pública

Fonte: Disponível em: < <https://bit.ly/3oguchz> > . Acesso em: 28 jul. 2019.

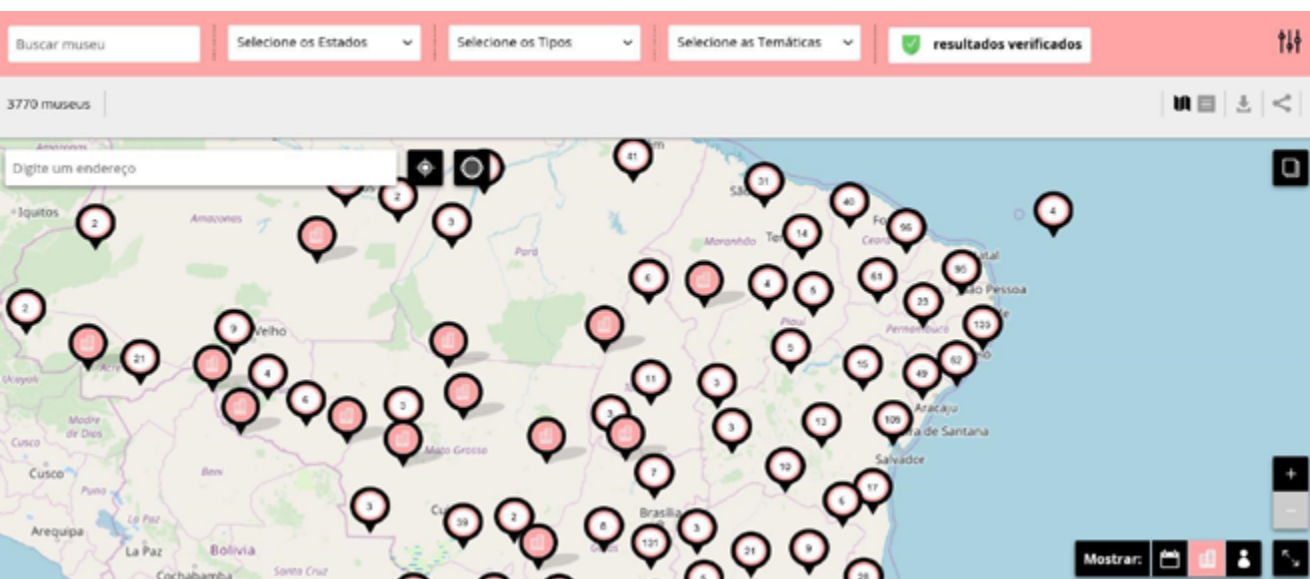
Como usuária, não está claro para mim se é possível gerar listas de museus por meio de outros critérios que não sejam aqueles descritos no Quadro 1 ou por unidade da federação, o que não atende às necessidades desta pesquisa. Provavelmente, deve ser possível solicitar um levantamento por palavras-chave na descrição dos acervos de museus que tenham feito um cadastro mais completo para a equipe do setor responsável no Ibram. Mas quantos dos 3.770 museus realizaram este cadastro mais completo? Como se pode acessar uma ficha de cadastro completa para perceber outras po-

8. Ou seja, poderia haver indumentária em museus de qualquer uma destas categorias, mas não necessariamente em todos, o que não ajuda a pesquisa.

tencialidades de pesquisa a partir de dados que não aparecem como categorias de busca na plataforma *MuseusBr*?

Figura 1

Plataforma *MuseusBr*. Captura de tela realizada em 28 de julho de 2019



Fonte: Disponível em: <<https://bit.ly/3ogucHz>>. Acesso em: 28 jul. 2019

Apresentadas algumas dificuldades, gostaria de ressaltar potencialidades e caminhos para a pesquisa em acervos de indumentária.

A própria elaboração de um mapeamento mais abrangente dos museus brasileiros que possuem acervos de indumentária é uma pesquisa que urge e que seria referência para muitos desdobramentos e novos estudos. Andrade (2014) evidenciou estas lacunas em seu trabalho de pós-doutorado ao cons-

tatar que “Os dados coletados e divulgados pelo CNM/IBRAM não expressam com fidedignidade ou mesmo por proximidade as coleções de indumentária dos museus brasileiros.” (ANDRADE, 2014, p. 4). A pesquisadora afirma ter chegado a um número de 137 museus em sua pesquisa, enquanto as buscas solicitadas por e-mail para a equipe do CNM chegaram somente a sete.

É possível fazer pesquisas sobre algumas coleções em linha, e embora no Brasil o número de museus que disponibilizam seus acervos para consulta digital ainda seja pequeno (VIANA, 2015), este número tende a aumentar. A busca de um contato direto com o acervo não pode ser substituída pela consulta *on-line*, mas a consulta prévia permite levantamentos e um primeiro contato, a partir do qual é possível organizar melhor a pesquisa *in loco*, minimizando custos do deslocamento para investigação ou descartando de antemão, em alguns casos, hipóteses infrutíferas. O fato da temática da indumentária em museus ser pouco estudada é em si um grande estímulo, pois há um enorme conjunto de fontes passíveis de serem investigadas e muitos caminhos a serem traçados.

Existe uma gama imensa de temas a serem investigados. Podemos pensar, por exemplo, em todo o processo de musealização<sup>9</sup> como um tema poten-

9. Consideramos que o processo de musealização ocorre a partir de uma seleção e atribuição de sentidos feita dentro de um universo patrimonial amplo, resultando em um recorte formado por um conjunto de indicadores da memória (referências patrimoniais) tangíveis ou intangíveis, naturais ou artificiais, indistintamente. Feita a seleção, estas referências ingressam em uma cadeia operatória que corresponde ao universo de aplicação da Museologia – museografia. A preservação, portanto, é tomada como equivalente a processo de musealização, e é realizada pela aplicação de uma cadeia operatória formada por procedimentos técnico-científicos de salvaguarda e de comunicação patrimoniais, em equilíbrio. (DUARTE CÂNDIDO, 2014).



cial de pesquisa. Defendo que na Museologia, a preservação deve corresponder a processos de musealização tidos como a aplicação de procedimentos da cadeia operatória museológica, a saber: salvaguarda (documentação e conservação) e comunicação patrimoniais (exposição e ação educativo-cultural), que correspondem ao universo de aplicação da Museologia, especificamente, a museografia (DUARTE CÂNDIDO, 2016). Esse processo se inicia, logicamente, com a atitude de atribuição de valor simbólico a determinado bem que acaba por retirá-lo da esfera dos que são apenas utilitários (embora algumas vezes o valor de uso permaneça em paralelo aos novos valores agregados). No caso de bens materiais móveis, como costumam ser aqueles que podemos classificar como indumentária, o início do processo de musealização envolve procedimentos de seleção/exclusão e formação de coleções.

Se aos investigadores do campo da Museologia cabe realizar a pesquisa aplicada, ou seja, ao identificar problemas em um ou mais pontos deste processo que levam dificuldades na relação entre a sociedade e seu patrimônio, eles devem dar um salto e propor soluções, propostas e/ou modelos, realizar experimentações e avaliá-las; aos estudantes de outros campos ligados aos estudos de indumentárias em museus cabe a interpretação das coleções (ANDRADE, 2008; VIANA, 2015; SIMILI, 2016).

Os estudantes também podem se dedicar à identificação de práticas de patrimonialização, sem necessariamente se comprometerem com sua transformação. Por isso, muitas vezes, eles podem voltar os seus olhares

apenas para as práticas do passado, realizando estudos históricos, por exemplo, enquanto os pesquisadores do campo da Museologia devem se comprometer com o futuro e com a qualificação dessas práticas.

Feita essa diferenciação, defendo que não haja uma hierarquização entre as pesquisas das áreas básicas e a pesquisa aplicada em Museologia, uma vez que todas elas são essenciais e complementares. Por um lado, com mais estudos disponíveis e de maior qualidade que interpretem as coleções, os profissionais do campo da Museologia podem melhor realizar suas tarefas de salvaguarda e de comunicação dos patrimônios. Por outro, com estudos mais aprofundados sobre as práticas sociais relacionadas aos museus que identifiquem “gargalos” e lacunas, os profissionais de Museologia terão mais condições de propor estratégias de superação destes problemas.

Além das possibilidades de investigação já mencionadas, em torno das práticas de colecionamento, dos critérios de seleção/exclusão e da formação de coleções, há ainda a possibilidade de realização de pesquisas a partir de olhares não museológicos sobre diferentes aspectos da cadeia operatória museológica.

Na documentação podem ser estudados diferentes modelos de instrumentos para inventário, catalogação e bases de dados, bem como podem ser aperfeiçoados os thesauri, tão úteis para a nossa área. Além do mais, podem ainda ser realizadas verdadeiras arqueologias em acervos mal documentados que ajudem a fornecer informações confiáveis para a documentação.

A conservação pode se valer de muitas pesquisas no campo dos estudos de indumentária sobre os componentes das matérias-primas dos artefatos, sua procedência e época. Também pesquisadores da área básica, juntamente com os da Museologia, podem desenvolver procedimentos específicos de higienização, embalagem, armazenamento e transporte, que nunca são os mesmos de uma tipologia de objetos a outra, requerendo adaptações.

Estudos sobre exposições podem trabalhar desde a forma como serão apresentados os itens de indumentária (vitrines, suportes, iluminação, tipos de manequins etc.) até as representações sociais envolvidas na concepção destas exposições. Podem ser feitos estudos sobre os tipos de indumentária mais apresentados ao público e o que, apesar de colecionado, não é comumente exposto, ou ainda o lugar da indumentária em exposições de museus ecléticos.

A ação educativo-cultural correspondendo a toda esta área que estabelece os processos pedagógicos e de mediação entre o museu e o público pode suscitar pesquisas sobre formas de recepção de exposições ou conjuntos de objetos de indumentária. Além disso, pode propor estratégias de mediação que se façam valer de características específicas da indumentária (como o apelo tátil dos diferentes têxteis), desenvolver oficinas que se apropriem de conhecimentos técnicos específicos do campo do *Design de Moda* (como desenho, modelagem etc.) para facilitar a apropriação pelo público dos objetos expostos.

As sugestões elencadas não são de forma alguma exaustivas, apenas sinalizam alguns caminhos que podem ser multiplicados infinitamente pelos diferentes olhares lançados sobre estes processos. Os estudos não precisam (e muitas vezes não podem) se dedicar exclusivamente a um aspecto do processo de musealização, que longe de ser tão segmentado como possa ter parecido pela apresentação esquemática da cadeia operatória, é muito mais dinâmico e complexo. Muitas vezes as práticas de colecionamento explicam ausências na documentação ou problemas de conservação, as lacunas de informação ou a situação de deterioração dos objetos impacta na possibilidade de expô-los ou usá-los nas ações educativas, e assim por diante.

## À moda Karajá

Se o tópico anterior permitiu se perguntar, como fez Andrade (2016, p. 14) “Que histórias podem ser construídas com base nos acervos públicos brasileiros a partir das coleções de indumentária?”, este pretende realçar um tipo específico de indumentária encontrado de forma indireta em coleções normalmente classificadas como etnográficas: a das bonecas Karajá, *ritxoko*.

Mais uma vez, sublinhamos o olhar pioneiro de Andrade (2016, p. 21) sobre o tema da indumentária indígena, ainda menos estudado no Brasil que a indumentária de maneira geral:

O estudo de indumentária de grupos indígenas, especialmente datadas do longo período que antecede a colonização europeia, encontra em coleções estrangeiras – como as do Smithsonian Institution, nos Estados Unidos – talvez maior variedade e quantidade de artefatos do que coleções nacionais, sendo uma possível exceção a coleção do Museu do Índio no Rio de Janeiro onde localizamos o registro de cerca de 600 itens sob o verbete “indumentária”. As coleções de indumentária brasileira em museus estrangeiros merecem estudos específicos.

A autora integra a equipe coordenada por mim que desenvolve o projeto *Presença Karajá: cultura material, tramas e trânsitos coloniais*. Trata-se de um projeto de pesquisa interdisciplinar que tem como objetivos o mapeamento, a identificação e a análise de coleções de bonecas Karajá (*ritxoko*) presentes em acervos de museus brasileiros e estrangeiros. A categoria *ritxoko* é usada pelos indígenas para se referirem a bonecas de cerâmica e/ou cera com elementos antropomorfos, diferenciando-as, assim, de bonecas em madeira ou com motivos exclusivamente zoomorfos. Produzidas desde tempos imemoriais como brinquedos para as crianças, as bonecas Karajá estão presentes em coleções de museus brasileiros e estrangeiros desde pelo menos o final do século XIX<sup>10</sup>. Além da musealização já longa, outros processos de patri-

10. Para maiores detalhes ver Duarte Cândido e Andrade (2018), Duarte Cândido e Lima (2017), entre outros.

monialização ocorreram neste início do século XXI, com a inscrição das bonecas pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), em 2012, como Patrimônio Imaterial Brasileiro.

A equipe do Projeto Presença Karajá conta atualmente com 16 pesquisadores em diversas regiões no Brasil e no exterior. Eles percorrem a biografia dos objetos a partir do estudo da trajetória das bonecas desde a sua produção e uso nas aldeias até a formação de coleções em museus, mapeando em que instituições elas estão presentes, no Brasil e no exterior, os contatos entre pesquisadores/ instituições e grupos indígenas Karajá. Por meio da participação da profa. Rita Andrade, este projeto incluiu entre os seus objetivos o estudo de adornos corporais e indumentárias das bonecas, constituídos por incisões, pinturas, adição de fios, de entrecasca de árvores e de outros materiais.

Como o projeto já constatou a presença de exemplares das *ritxoko* em mais de sete dezenas de museus em pelo menos 16 países, o grupo conta com um grande manancial para pesquisa, desde as bonecas contemporâneas até as produzidas no século XIX, com todas as variações que já ocorreram em seus aspectos formais e matérias-primas utilizadas.

Diversos autores e autoras lembram que sendo a indumentária indígena marcada pelo uso ritual, muitas vezes o pesquisador não tem a oportunidade, em uma temporada em campo, de presenciar e registrar o uso de suas mais diferentes modalidades. As bonecas podem ser tidas, por isso,

como um registro de modos de vestir menos usuais que são assim, acessados indiretamente pelo pesquisador.

Estudar a indumentária de bonecas Karajá é também uma pista para a identificação de trânsitos coloniais. É muito curioso, por exemplo, que algu-

**Figura 2**

Boneca Karajá (nº. inv. MNE: AN.530). Macauba, Tocantins, Brasil. Coleção do Museu Nacional de Etnologia. Dimensões: 5,5 x 4,5 cm. Fotografia de António Rento/ Arquivo Museu Nacional de Etnologia.



Fonte: Disponível em: <<https://bit.ly/3moWm1t>>. Acesso em: 30 maio 2019.

mas delas sejam vestidas com tecidos industrializados, alguns, inclusive, costurados em formas semelhantes às roupas ocidentais da moda. No acervo do Museu Nacional de Etnologia em Lisboa (Portugal), há bonecas com peças de indumentária que simulam saias rodadas, inclusive, aparentemente, com anáguas, como é o caso da peça a seguir. Esta espécie de anágua de plástico serve para armar a saia em tecido semelhante a estopa.

Essas roupas de estilo europeu exigem conhecimento técnico de corte e costura, tecnologias comuns às sociedades urbanas do século XX, mas não sabemos ainda como, quando e por quem foram ensinadas a mulheres indígenas, responsáveis pela confecção das bonecas.

Há ainda muitas questões de pesquisa a serem desenvolvidas, como investigar se as *ritxoko* viajaram do Brasil aos seus destinos nos museus estrangeiros vestidas com essas roupas ou se foram vestidas posteriormente. O estilo da roupa, o corte e a costura podem ser úteis no processo de datação das bonecas porque informam, a partir de características visuais e de elementos materiais, o período provável da produção (DUARTE CÂNDIDO; ANDRADE, 2018).

Em pesquisa de campo realizada na aldeia Buridina (Aruanã, GO) em setembro de 2017 e também na bibliografia levantada para o projeto, integrantes do grupo notaram que as brincadeiras das crianças Karajá podem combinar bonecas tradicionais em cerâmica (*ritxoko*) com bonecas industrializadas em plástico, além de todo material disponível para reaproveitamento, como fragmentos de entulho e retalhos de tecidos diversos.



Seja com entulhos ou com rolinhos de tecidos, as crianças elaboram uma espécie de planta-baixa das casas (aos moldes e com as subdivisões das casas urbanas, não das tradicionais habitações indígenas), em que a televisão diante do sofá pode ser um elemento de destaque. Foi perceptível na visita de campo, que esta é uma disposição comum da mobília das casas, ao menos na aldeia Buridina, originalmente um pouco afastada, mas que hoje está totalmente envolvida pela malha urbana de Aruanã, incluindo o assédio dos turistas na alta estação.

Por meio deste exemplo tentei demonstrar para potenciais interessados na pesquisa sobre indumentária que os acervos museais associados a esta categoria nem sempre são assim identificados na denominação do

**Figura 3**

Aldeia Buridina, Aruanã, Goiás. Visita em 06 de setembro de 2017.



Foto: Markus Garscha, 06 jul. 2019.

museu ou mesmo nas suas coleções. Mesmo acervos denominados como etnográficos ou com outras nomenclaturas, quando explorados com um olhar atento e sensível à identificação de elementos de indumentária, podem ser muito ricos para este tipo de investigação e remeter o pesquisador a caminhos muito fecundos de pesquisa interdisciplinar.

Desejo com isto contribuir a partir de um olhar que não é de estudiosa especializada em indumentária, mas de uma professora de Museologia, para estimular novos trabalhos e percursos acadêmicos neste campo tão cativante e aberto, bem como abrir frentes de pesquisas interdisciplinares.

## Referências

ANDRADE, Rita Morais de. *Bouè Souers RG 7091: a biografia cultural de um vestido*. 224 f. 2008. Tese (Doutorado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

\_\_\_\_\_. Indumentária nos museus brasileiros: a invisibilidade das coleções. In: *Musas - Revista Brasileira de Museus e Museologia*, v. 7, p. 10-31, 2016.

\_\_\_\_\_. *Relatório final de pós-doutorado*. Orientador Prof. Dr. José Reginaldo Gonçalves. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2014. (Manuscrito não publicado).

DUARTE CÂNDIDO, Manuelina Maria. Potencialidades da musealização, desafios da informação: estudo de caso a partir de museus de indumentária e moda. In: *Revista Expressa Extensão*, Pelotas, v. 19, n. 2, p. 55-65, 2014.

DUARTE CÂNDIDO, Manuelina Maria; ANDRADE, Rita Morais de. *Bonecas Ritxoko e sua indumentária em museus: um balanço do Projeto Presença Karajá*. Disponível em: <<https://bit.ly/34kUujR>>. Acesso em: 17 nov. 2019.

DUARTE CÂNDIDO, Manuelina Maria; LIMA, Nei Clara de. Presença Karajá: identificação, proteção e promoção de coleções e do patrimônio imaterial. In: *Seminário Brasileiro de Museologia (Sebramus) Museologia e suas Interfaces Críticas*, Museu, Sociedade e os Patrimônios, 3., 2012, Belém. *Anais...* Belém: Universidade Federal do Pará, 2017. p. 1833-1852. Disponível em: <<https://bit.ly/35rW96N>>. Acesso em: 11 nov. 2019.

DUARTE CÂNDIDO, Manuelina Maria. O desafio de musealizar a paisagem cultural. In: *Revista Museu*, ISSN 1981-6332, Rio de Janeiro, 18 maio 2016. Disponível em: <<https://bit.ly/3jktaXe>>. Acesso em: 16 jun. 2019.

DUARTE CÂNDIDO, Manuelina Maria. Patrimônio, preservação e processo de musealização: interfaces necessárias e um caso concreto de aplicação no Museu da Cidade de Parambu. In: *Seminário Internacional em Memória e Patrimônio*. Pelotas, VII, 2014, Pelotas. *Anais...* Pelotas: Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Pelotas, 2014p. 34-61. Disponível em: <<https://bit.ly/37uOLtV>>. Acesso em: 10 jun. 2019.

PIRES, Ema Cláudia Ribeiro; SOLER, Mariana Galera. Coisas para (re)vestir: notas sobre indumentária, ciência e acervo. In: *Acervo - Revista do Arquivo Nacional*, Rio de Janeiro, v. 31, n. 2, p. 31-48, maio-ago. 2018.

SIMILI, Ivana Guilherme. As roupas como documentos nas narrativas históricas. In: *Patrimônio e Memória*, São Paulo, v. 12, n. 1, p. 237-261, janeiro-junho, 2016.

VIANA, Fausto Roberto Poço. *Fontes documentais para o estudo da história da moda e da indumentária: o caso James Laver e novas perspectivas*. 212 f. 2015. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Têxtil e Moda, Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

---

**Manuelina Maria Duarte Cândido** é professora e chefe do Serviço de Museologia da Universidade de Liège (Bélgica), onde também é Administradora do Embarcadère du Savoir. Professora licenciada da Universidade Federal de Goiás (Bacharelado em Museologia), onde continua como Docente Permanente do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Membro do *board* do ICOFOM-LAC 2018-2023. Possui graduação em História, mestrado em Arqueologia, especialização, doutorado e pós-doutorado em Museologia.

**E-mail:** [manuelin@uol.com.br](mailto:manuelin@uol.com.br)

---

# Coleção Desenrêdos

A Desenrêdos é uma coleção de livros, cujo objetivo é publicar trabalhos vinculados às atividades acadêmicas do Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual, abrangendo todas as suas linhas de pesquisa fomentando articulações entre docentes/discentes do PPG e pesquisadores nacionais e internacionais.

Este livro foi composto com as fontes Lato Regular para o corpo de texto e Lato Bold para títulos e subtítulos, desenvolvidas por Lukasz Dziedzic e disponibilizadas em [lukaszdziedzic.eu/](http://lukaszdziedzic.eu/).



**D** INDUMENTA  
DRESS AND TEXTILES STUDIES IN BRAZIL

**60**  
ANOS

**PPGACV**  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM  
ARTE E CULTURA VISUAL

**FAV**  
FACULDADE DE  
ARTES VISUAIS



**UFG**  
UNIVERSIDADE  
FEDERAL DE GOIÁS